



THE HANDMAID'S TALE E OS PAPÉIS DE GÊNERO: DISTOPIA E VEROSSIMILHANÇA

Fabiana Alves Moreira de Barros¹
Joseval dos Reis Miranda²

RESUMO

As discussões de gênero provocaram nos últimos tempos reações negativas por parte de grupos reativos na sociedade. Em diversos países do mundo, as questões que dizem respeito à sexualidade tornaram-se, novamente, um dos principais fatores para a polarização política e ideológica que perpassa o nosso século. Porém, nesse horizonte de divergências, algo não pode deixar de ser destacado: a violência, ora produto do grave desconhecimento acerca do tema, ora proveniente da propaganda antiprogressista de alguns partidos conservadores, faz-se presente e já é uma infeliz realidade à população feminina e LGBTQI+. À vista de tal entendimento, o presente estudo busca ensaiar o problema por meio de uma análise crítica-comparativa entre a série estadunidense *The Handmaid's Tale* e a crescente proliferação de discursos agressivos e intolerantes no âmbito da política nacional, observando, em muitos momentos, uma tentativa de ruptura com os princípios e valores democráticos, assim como ocorre na série. A fim deste exame, pretende-se tornar explicitado de que maneira o atual fenômeno, além de constituir uma grave falta aos Direitos Humanos, ignora igualmente as fontes epistemológicas sobre o assunto. O estudo revelou em nossas análises que as cenas representadas na série *The Handmaid's Tale*, os discursos advindos dos atuais governantes brasileiros corroboram uma visão contrária aos princípios democráticos e as orientações humanísticas, uma vez que atacam, ininterruptamente, os grupos minoritários da sociedade, principalmente as mulheres e a comunidade LGBTQI+.

Palavras-chave: *The Handmaid's Tale*; Gênero; Feminismo. Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO

As desigualdades entre os gêneros masculino e feminino no que diz respeito ao âmbito social, pessoal e jurídico são presentes desde a antiguidade. Na era medieval, o rigorismo moral de Lutero foi propagado, e tinha por objetivo regular a sexualidade no nível da procriação. Mais a diante, o mundo moderno criou meios de controle do sexo e da masturbação, sobretudo para as mulheres. Todavia, tais discrepâncias perduram até os dias atuais. Até mesmo porque, conforme a perspectiva antropológica, os papéis impostos a cada gênero foram criados e passados culturalmente de geração em geração (VASCONCELOS, 1971, p.75).

¹ Graduanda do Curso de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, fabianaalvesmb@gmail.com;

² Professor orientador, Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação, josevalmiranda@yahoo.com.br



Entretanto, o fato é que a divisão das tarefas sociais elencadas a partir dos gêneros masculino e feminino culminou ao longo da história em uma sociedade “falocrática”, isto é, completamente patriarcal. Ainda que, sob o olhar de uma sociedade abertamente machista, as mulheres tenham lutado por sua emancipação. O termo feminismo surge apenas no século XIX, que ficara marcado como a primeira onda feminista, em que um grupo de mulheres se reuniu para lutar pelo direito ao voto, e para ter voz no setor político.

A partir do engajamento dessas mulheres, movimentos simultâneos e posteriores tomaram força, buscando sempre entender as necessidades específicas de cada grupo. Um exemplo disso pode ser verificado na chamada segunda onda do feminismo, pois ficara marcada como a mais radical. O movimento iniciou-se por volta da década de 60, nos Estados Unidos, e as mulheres passaram a lutar não só pelos direitos políticos, como o voto, mas também pelos direitos individuais e coletivos, passando a questionar o machismo, os padrões de beleza, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, entre outros. Na terceira onda do feminismo, cuja origem remete à década de 90, passou-se a questionar a “mulher universal”, no sentido da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019). Nesse momento, tratou-se, portanto, das mais variadas formas de opressões sofridas por mulheres, consideradas em sua multiplicidade, bem diferente dos movimentos anteriores. Com isso, segundo a filósofa Angela Davis (1981), buscou-se empoderar individual e coletivamente as mulheres, fortalecendo assim a perspectiva interseccional do feminismo. Com tais mobilizações, as mulheres conseguiram vários ganhos. Podemos citar, além do direito ao voto, o uso do anticoncepcional, à educação, à emancipação social e ao empoderamento sexual.

The Handmaid's Tale — podendo ser traduzido como *O Conto da Aia* — é uma série televisiva estadunidense do ano de 2017, baseada no romance da escritora canadense Margaret Atwood. O livro de título idêntico foi escrito em 1985. Na série, a história se passa na década atual, trazendo um aspecto moderno ao enredo. Após um golpe de Estado ocorrido nos Estados Unidos, o qual fora desencadeado por um grupo religioso extremista, a República de Gilead é decretada. Com isso, instaura-se um Estado Unitário em que sua forma de governo é a Teonomia, cujas normas civis são baseadas nas “leis do divino”, semelhante ao Vaticano. Tendo como autoridade maior a instituição militar, os indivíduos foram destituídos de seus direitos fundamentais, principalmente as mulheres (ATWOOD, 2017).

A narrativa retrata mulheres que, embora tenham conquistado seus direitos com muita luta e resistência através dos tempos, são claramente injustiçadas, pois veem-se novamente desnudas de suas conquistas. Tristemente, o relato desse acontecimento nos leva de volta a



meados da era medieval, em que as leis divinas regiam o povo e as mulheres eram absolutamente silenciadas.

Em vistas desses pontos, objetivamos: a) *a priori*, desenvolver o problema por meio de uma análise crítica-comparativa entre a série estadunidense *The Handmaid's Tale* e a manifestação de discursos agressivos e intolerantes no âmbito da política nacional, dado que constituem uma tentativa de ruptura com os princípios e valores democráticos, assim como ocorre na série; b) após a verificação, pretende-se comunicar de que maneira o atual fenômeno, além de constituir uma grave falta aos Direitos Humanos, ignora igualmente as fontes epistemológicas sobre o assunto, utilizando-se de uma bibliografia especializada; c) por último, concluímos com uma reflexão sobre os perigos iminentes de um colapso jurídico, político e institucional em nosso país.

METODOLOGIA

Este trabalho valeu-se de uma análise comparativa entre a série televisiva estadunidense *The Handmaid's Tale* e atual cenário político e social do Brasil. Tendo como enfoque as questões de gênero, sexualidade e direitos da mulher, recorreremos à análise bibliográfica de teóricos e especialistas nos estudos sobre gênero, feminismo e educação sexual, tais como a escritora e filósofa estadunidense Judith Butler e o professor brasileiro Cesar Nunes, que possui um vasto estudo sobre gênero e sexualidade.

Ademais, a fim de tornar factíveis tais reflexões, nos orientamos metodologicamente da seguinte maneira:

1) Na etapa de escolha dos textos, elegeu-se como critério para a seleção das obras o paralelo que elas estabeleciam entre a problemática da sexualidade e o conteúdo ético-político que atravessa tais interrogações;

2) Em seguida, partiu-se para o exame multimodal da série *The Handmaid's Tale*, em que se pôde verificar os principais elementos textuais e intertextuais da película em relação a temas como: sexualidade, gênero, machismo, misoginia, LGBTQ+fobia, corrupção política, autoritarismo, violação aos Direitos Humanos e às normas e tratados de Direito Internacional.

3) E, como último passo, coletamos discursos e falas curtas de pessoas ligadas à política e ao governo nacional, com a finalidade de explicitar, após o exame desses trechos, as ideias antiprogressistas, antigualtaristas e antidemocráticas contidas nesses textos. Aliás, curiosamente, algumas bem semelhantes às da série televisiva em questão.



Considerando o material sob análise, nos lançamos às tarefas e hipóteses a seguir: a) Analisar até que ponto o fanatismo religioso/falocrático identificado nesse seguinte político e ideológico influi negativamente sobre os movimentos e a luta pela igualdade de gênero na sociedade brasileira; b) Relacionar as experiências de injustiça social reportadas pela série *The Handmaid's Tale* com o contexto atual brasileiro, uma vez que temos discursos que buscam deslegitimar os direitos das mulheres sendo veiculados publicamente no nosso país, assemelhando-se, por vezes, à distópica República de Gilead.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito antes de surgir o termo feminista, as mulheres na história da humanidade nunca foram meramente passivas. Prova disso, são os relatos de comunidades inteiras regidas pelo matriarcado, assim como de mulheres que viveram em sociedades extremamente falocráticas, lutando por direitos iguais (REED, 1980). No entanto, o feminismo como movimento organizado surge no século XIX, buscando transformar as relações de poder impostas por uma sociedade majoritariamente machista, que oprime e escraviza as mulheres, retirando seus direitos básicos (BEAUVOIR, 1983).

Ademais, o feminismo, na tentativa de reverter esse quadro de supressão de direitos das mulheres, expõe e indaga de diferentes formas o enfrentamento e a violência de gênero vivida por esse grupo. Casos de machismo, lesbofobia e transfobia são exemplos concretos da infeliz desigualdade de gênero em todo o mundo (BUTLER, 1990). Os anos 90 foram um divisor de águas para o feminismo, pois, nessa década, foi implantada a discussão sobre direitos sexuais como um direito humano, possibilitando a ampliação dos debates globais a respeito da sexualidade, gênero e os direitos femininos. É certo que isso conferiu visibilidade para diferentes vozes em torno das questões de gênero e sexualidade. Como resultado, mulheres de vários grupos e classes sociais engajaram-se em um processo de negociações e tensões para a constituição de um discurso internacional sobre a sexualidade e os direitos sexuais das mulheres (CORRÊA, 2009).

Do ponto de vista político, a humanidade atual passa por uma guerra ideológica, com a ascensão de políticos da extrema direita em países de grande poder econômico e cultural. Vemos uma enorme quantidade de discursos contrários aos Direitos Humanos apoiando-se em princípios da moral cristã ocidental. Uma questão curiosa é que, em sua maior parte, esses discursos eivados de ódio contradizem os próprios preceitos ético-religiosos do cristianismo, dado que, ao invés de instigarem a paz, o respeito e a solidariedade, incentivam a violência e a



intolerância. Afinal, se o que está sendo pregado é a retomada da moral e dos bons costumes, então deve-se perceber que esses constantes ataques antifeminista, anti LGBTQI+, racistas e misóginos não podem ser admitidos nem tomados como corretos.

No Brasil, esse comportamento não é menos perigoso que na maior parte do exterior. Durante a eleição do atual governo, aconteceram campanhas contra um material didático desenvolvido para o Programa Brasil sem Homofobia, que ficou conhecido como “kit gay”. A direita brasileira responsabilizou o feminismo e os grupos LGBTQI+ pela criação do suposto material pornográfico e corruptor de crianças. Como era de se imaginar, os acusadores alegavam que o “kit gay” era produto da “ideologia de gênero”, e que algo antinatural e anticristão assim não poderia ser tolerado por violar a integridade das crianças. Além de que, tal produto era uma ameaça às famílias, aos jovens estudantes e à nação, desvirtuando as mulheres de seu “verdadeiro propósito”, que seria cuidar dos filhos, do marido e da casa.

Na atmosfera distópica da série *The Handmaid's Tale*, após um golpe de Estado, a República de Gilead é instaurada sob preceitos radicais cristãos. Dentro desse contexto, apesar de cronologicamente datar o século atual, o mundo já havia sido tomado pela poluição, e as taxas de fertilidade haviam caído bastante. Assim, o governo implantado passa a se preocupar em reverter o quadro de infertilidade das mulheres, reduzindo-as a sua “função biológica”: a reprodução. Lugar em que a forma de governo é a Teonomia Cristã (leis estatais que seguem uma “lei divina”), o Estado é guiado pelos comandantes, que são militares. Nesse ponto, poderíamos apontar uma relação entre a distopia e realidade política da direita brasileira, em razão de serem compatíveis moralmente.

O governo de Gilead divide a sociedade por castas. Em meio a tal organização, todas as mulheres perdem seus direitos sociais e jurídicos. Não se faz juízo de quem são essas mulheres, o que querem ou o que fazem, se são donas de casa ou cientistas, apenas lhe retiram seus direitos. A população LGBTQI+ é tratada como “traidores do gênero” e, por esse motivo, são enforcados. As mulheres, que ainda são férteis, tornam-se “aias”, treinadas para passar por um “processo ritualístico” no qual serão estupradas. Pasmem, o ato de agressão sexual ocorre entre os joelhos da esposa “infértil” do comandante, para assim gerar o filho para o casal.

O obscurantismo religioso, os retrocessos políticos e sociais, a ruína do estado democrático de direito e a repressão sofrida pelas mulheres pintam um quadro assustador. Na atual conjuntura política no Brasil, que conta com várias demonstrações de radicalismo religioso, a proximidade com a distopia de *The Handmaid's Tale* é de causar perplexidade.



Em especial quando na ficção a população percebera que um golpe de Estado poderia acontecer, mas nada fizeram para impedir.

Na realidade nacional, estamos vivendo o ápice de um radicalismo moral calcado em valores cristãos. Pistas disso já foram percebidas em 2017 quando o atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, declarou em um evento na Paraíba:

Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as maiorias. As minorias têm que se curvar às maiorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem. Igualmente, em uma palestra no Clube Hebraica, também no ano 2017, ele declarou sobre a própria filha: "Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher (CARTA CAPITAL, 2018).

Diante de declarações demasiadamente ofensivas e misóginas, Bolsonaro infelizmente consegue ser eleito em 28 de outubro de 2018. A distopia, alinhada ao viés religioso, reproduz posicionamentos dissonantes às causas femininas, inscrevendo fortes críticas à domesticação da mulher e sua subserviência sexual. Os antigos ministérios dos Direitos Humanos e a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres da Presidência da República foram reduzidos e reformulados, tornando-se o Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos. Agora, a pasta possui como chefe a Ministra Damare Regina Alves, uma pastora evangélica com falas de cunho preconceituoso, antifeministas, homofóbicas etc.

Desconfigurando o propósito de seu Ministério, a ministra Damare Regina Alves tem um discurso pautado no radicalismo religioso, por vezes também se valendo de teorias biológicas, com a finalidade de acentuar as diferenças entre homens e mulheres. Entre o seu arsenal de argumentos, está a ideia de que só duas possibilidades de gênero, homem e mulher, sem deixar de exaltar constantemente um modelo familiar ortodoxo e excludente. "A mulher deve servir ao homem!", nestes termos Damare reproduz de forma clara o discurso disseminado também em *The Handmaid's Tale*.

Em entrevista ao Jornal Expresso Nacional, no dia 08 de março de 2018, no Rio Grande do Norte, a ministra declara: "As feministas [estão] levantando uma guerra entre homens e mulheres"; "A mulher nasceu para ser mãe, é o papel mais especial da mulher"; "Como eu gostaria estar em casa, toda tarde numa rede, me balançando e o meu marido ralando muito, muito, muito para me sustentar e me encher de joias e presentes. Esse seria o padrão ideal da sociedade" (SIQUEIRA, 2018).

As falas da ministra Damare mostram uma forte ideologia de gênero que intensifica as diferenças hierárquicas entre homens e mulheres, as quais o feminismo junto a outros movimentos segue combatendo. Assim como na ficção, o atual governo, através das falas dos



seus representantes, dissemina a ideia retrógrada da cisheteronormatividade, que segue o alinhamento de uma matriz que opera por binarismos: vagina-mulher-feminilidade-maternidade/pênis-homem-masculinidade-paternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um Estado governado pela religião como Gilead, o Direito Constitucional e os Direitos Humanos se perderam. *The Handmaid's Tale* traz uma narrativa de suma importância para reflexões de natureza jurídica, política e social. Abordando temáticas extremamente atuais em um contexto global de crescente conservadorismo, a série nos faz refletir sobre a inércia da sociedade em relação a banalização dos crimes cometidos contra as mulheres.

Dentro desse universo distópico, várias formas de violência contra as mulheres são aceitas, não distante da realidade do Brasil, em que a violência verbal, sexual e física contra mulheres vem sendo naturalizadas dia após dia. O silêncio por parte do Poder Judiciário intensifica o pensamento de que o Estado vem silenciando as mulheres. Pois, ao julgar os crimes de gênero, deve assegurar, acima de tudo, o princípio da dignidade da pessoa humana.

Nas linhas que se seguiram, pudemos observar que, primeiramente, assim como representado na série *The Handmaid's Tale*, os discursos advindos dos atuais governantes brasileiros corroboram uma visão contrária aos princípios democráticos e as orientações humanísticas, uma vez que atacam, ininterruptamente, os grupos minoritários da sociedade, principalmente as mulheres e a comunidade LGBTQI+. Além do mais, especificamente, muitas dessas falas agridem não apenas os movimentos sociais, mas tópicos constitucionais, tais como o direito à igualdade, precípuo para a construção de uma sociedade justa. Somando-se a isso, temos palavras sem resquícios algum de fundo teórico, ou seja, baseadas apenas em senso-comum, embora existam estudos largos e amplamente difundidos sobre a questão da sexualidade. Por fim, não há como não perceber a fragilidade em que se encontra nossa sistema legal, uma vez que a eficácia material das leis é uma realidade muito distante no nosso país.

As implicações de um discurso antifeminista, principalmente vindo de uma mulher no lugar de fala como o de Damares, só reverbera o quanto uma sociedade falocrática e fanático-religiosa representam uma ameaça direta aos Direitos Humanos e aos direitos das mulheres. Portanto, devemos sair da inércia e não nos calar diante de um governo que desqualifica a emancipação feminina, e renega a importância da igualdade de gênero.



REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BOLSONARO EM 25 FRASES POLÊMICAS. Carta Capital, 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: 1 de mar. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CORRÊA, Sonia. **Cruzando a Linha Vermelha: questões não resolvidas no debate sobre direitos sexuais**. In: SARMENTO, Daniel; IKAWA, Daniela; PIOVESAN, Flávia (Org.). Igualdade, Diferença e Direitos Humanos. Rio de Janeiro: Lúmen, Júris Editora, 2009.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. New York: Random House, 1981.

MAIA, Gabriela Felten; WEBER, Nicole Garske. **Quando realidade e ficção aproximam-se: Ministério da mulher, família e direitos humanos e as implicações do antifeminismo na política brasileira**. XVI Seminário Internacional, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2019.

NUNES, César Aparecido. **Desvelando a sexualidade**. 7.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

REED, Evelyn. **Sexo contra Sexo ou Classe contra Classe**, Proposta Editorial, São Paulo, 1980, pp. 50-51.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmatismos sexuais**, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1971, p. 75.

SIQUEIRA, Jaufran. Entrevista exclusiva com Damares Alves: veja o que pensa a futura ministra dos Direitos Humanos de Bolsonaro. **Expresso Nacional**, 2018. Disponível em: <<https://expressonacional.com/entrevista-exclusiva-com-damares-alves-veja-o-que-pensa-a-futura-ministra-dos-direitos-humanos-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 1 de mar. 2020.

THE Handmaid's Tale. Direção Bruce Miller. Produtora Hulu, 2017. 3 Temporadas, 36 episódios.